

INTERFACE CIÊNCIA-CULTURA-ESCOLA: UM OLHAR SOBRE O MUSEU ANTARES DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA E O COLÉGIO MODELO LUIS EDUARDO MAGALHÃES EM FEIRA DE SANTANA

Sidney Pereira dos Santos¹; Marco Antônio Leandro Barzano²

1. Bolsista Probiic, Graduando em Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: sidneypereira100@gmail.com
2. Orientador, Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: marco.barzano@gmail.com

PALAVAS-CHAVE: Museu Antares, Divulgação Científica, Escola

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca apresentar os resultados da pesquisa que se desenhou em torno da cultura científica, quando inter-relacionada no contato escola-museu. O Museu Antares, que pertence à Universidade Estadual de Feira de Santana, consta das investigações passadas/em curso do orientador deste projeto, constituindo-se como objeto de estudo, uma vez que se trata como um dos museus de ciências da cidade, ao passo em que a mencionada escola possui uma estreita relação com a universidade, na medida em que recebe alunos de estágio supervisionado dos cursos de Licenciatura e, mais recentemente, acolhe o Programa Institucional de Iniciação à Docência. Segundo Marandino (2003) a discussão da parceria entre museu e escola é fundamental, pois contribui para a educação científica e, particularmente, na formação inicial e continuada de professores, uma vez que é sabido do papel desses espaços na educação, seja para o público em geral, seja o público escolar. Na concepção de Lacerda (1905), apud Sá e Domingues (1994), “os museus não são unicamente destinados a exibir coleções, mais ou bem coordenadas e classificadas. Eles visam, também, instruir o público.” Ponto de vista, que norteia este trabalho que considera estas duas culturas em diálogo.

Este estudo propôs-se investigar a dimensão cultural da ciência que emerge da conexão entre museus e escolas, assim como suas repercussões pedagógicas. Estudos acerca da educação em espaços não formais, sobretudo museus, tem se fortalecido no cenário nacional da área de educação em ciências ultimamente, em função, dentre outros fatores, da reconhecida importância desses espaços em suas peculiaridades e seu potencial pedagógico. Conforme Marandino (2001a;2001b; 2003;2007) estes espaços e as pesquisas a eles relacionados no âmbito da educação não-formal se fazem cada vez mais expressivos.

O respaldo da literatura e as observações e análises empreendidas nos espaços em questão, deram a tônica do estudo que ora se apresenta.

Consideramos que um aspecto relevante desta pesquisa é a proposta de investigação que articula os espaços de educação não-formal e formal, entre museu e escolas, aspectos como as culturas, o ensino e a divulgação da ciência que se expressam nestas instituições, que possuem peculiaridades de ações educativas históricas e culturais.

METODOLOGIA

Optamos por um estudo qualitativo; a partir do referencial advindo dos Estudos Culturais, que concebem a indissociação entre os objetos e a cultura. Segundo Lüdke e André (1986) o estudo de caso apresenta a possibilidade de perceber a situação social, representando os diferentes e, também, conflitantes pontos de vista e ações inerentes à situação estudada. Especificamente a relação entre o colégio Modelo Luiz Eduardo

Magalhães e o Museu Antares de Ciência e Tecnologia compôs a atual pesquisa e, desse modo, consideramos que esta pesquisa se configurou como um estudo de caso.

Num primeiro momento, a metodologia empregada para o estudo compôs-se de pesquisa bibliográfica para aprofundamento teórico. Em seguida, visitas orientadas à escola e ao museu.

A visita à escola almejou uma análise do espaço e sua utilização pelos sujeitos que o compartilham, com enfoque nos laboratórios, pátio, horta, etc. O registro fotográfico foi utilizado no auxílio a essa ação. Também no museu, esse recurso se fez útil. Para este caso, imagens oriundas da internet, no site do museu também compuseram o *corpus* analítico. Realizamos análise dos artefatos culturais e científicos, suas atribuições, quais sejam: a estrutura básica; os temas expostos; a maneira como eles foram construídos/pensados para aquela exposição (seja no laboratório da escola ou na exposição/intervenção museal); as linguagens operadas e o que eles buscam ensinar e o modo como são narrados e produzidos (GUIMARÃES e SOUZA, 2009).

DISCUSSÃO

Nos parece, a partir desse estudo ainda em andamento, que as conexões entre escola e museu mediados pela cultura científica e seus processos de divulgação apresentam uma pluralidade de sentidos, os quais, não foi uma intenção dessa pesquisa esgotar. Debruçamo-nos nas aproximações e afastamentos entre os dois espaços e sua contribuição nos processos pedagógicos de ciências.

Encontramos nos laboratórios, uma sequência de utensílios/artefatos com utilização prática e finalidade pedagógica nas aulas de ciências e biologia. A gama de objetos vai desde microscópios, modelos anatômicos, lupas, placas de petri, tubos de ensaio, lâminas fixadas com tecidos animais e vegetais, infográficos, etc. A presença de itens como esses ou pelo menos equivalente nos museus, abre margem a problematizações acerca de até que ponto um artefato compartilha sentidos em relação com o espaço e os sujeitos que com ele se relacionam.

Uma referência a essa flexibilidade, mencionamos a exposição realizada pela escola, com uma mostra de coleções científicas emprestadas pelos diversos laboratórios da Universidade Estadual de Feira de Santana (Laboratório de Morfologia de Vertebrados, Animais Peçonhentos, Fisiologia Animal, Entomologia e Horto Florestal), além das coleções didáticas da Experimentoteca do Centro Universitário de Cultura e Artes (CUCA).

Exposições de temática científica são frequentemente associadas à instituição museal, como as realizadas pelo Museu Antares. No caso em questão, observa-se um movimento diferente. A escola promove certa musealização de seus artefatos eleitos como científicos, passíveis de serem expostos para compreensão do público leigo transeunte. De qualquer forma, o potencial educativo, em ambos os casos se verifica. A preocupação com a divulgação da ciência se faz presente. O que de certa forma, contrapõe-se com o que tem se observado: uma considerável quantidade de informações relativas ao conhecimento biológico nos mais diversos espaços, sobretudo nos veículos de comunicação. Por outro lado, uma compreensão adequada desse conhecimento pela população nem sempre dispõe da mesma dimensão, seja desde a impropriedade com que podem ser produzidos, até a pluralidade de informações disponíveis.

Defendo, nessa pesquisa, que a cultura científica assume meios e finalidades muito parecidas em termos da utilização de objetos, por exemplo, numa exposição que a escola venha a realizar. Questionamos a partir daí, em que medida se aproximam ou se afastam do estatuto de científico dos objetos do museu, com os do laboratório da escola? Até que ponto é possível distinguir a função pedagógica das exposições nos

termos escolares e museais? Que cultura científica é promovida e difundida pela escola? E pelo museu?

Sem pretender ser conclusivo nas questões levantadas, optamos em refletir sobre a cultura científica difundida pelo museu, em termos de divulgação pública da ciência e daquela escolar. Além de que forma o processo educativo escolar tem ganhos com esse trânsito cultural, e não somente isso, a própria escola, como no exemplo verificado do Colégio Modelo, tem condições de também ser um *locus* difusor do conhecimento científico. As conexões entre escola e museu, são mediadas pelas dimensões culturais desses espaços.

A observação das imagens e sua concomitante leitura se deu inspirados no trabalho de Zancul (2009) que se buscou organizar, documentar e investigar estes objetos, com o objetivo de construir um inventário e, desse modo, contribuir para a preservação da memória da escola, em suas culturas escolar e científica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações possíveis dessa pesquisa, não se pretendem conclusivas. A pesquisa em questão não se deu por encerrada, cabendo muito mais investigações que consigam maiores aproximações com a cultura científica nos espaços escolares e museais.

Podemos dizer, até esta etapa, que o museu, ao receber a escola, que inclusive revela bastante de sua histórica tradição (sobretudo no caso do Antares, em que o público principal são os escolares), constrói toda uma discursividade sobre a ciência, mediada por seus objetos em exposição, que ao ser recebida pela escola, confronta, com a prévia discursividade construída pela ciência escolar. Esta por sua vez, também é capaz (e o faz), de construir uma narrativa sobre ciência, que também fomenta a cultura científica. Em ambos os casos há mediação cultural e intercâmbios que tem grande potencial na construção do conhecimento, escolar ou não.

Consideramos ainda um desdobramento possível desta pesquisa, o acúmulo de reflexões em torno da formação continuada de professores de ciências, em consonância com Ovilgi (2011) de que museus e centros de ciências, nesse cenário, aparecem como possibilidade de articular espaços não formais com a formação docente, tendo em vista, inclusive, uma possível atuação futura dos licenciandos nesses locais e a ampliação do espectro de atuação desses profissionais. A parceria museu-escola também pode ser favorecida dentro desse modelo de estágio docente, visto que os licenciandos, conhecendo as especificidades educativas que esses espaços apresentam, também podem passar a reconhecer o museu como um espaço educativo e inseri-lo futuramente em sua prática pedagógica, enquanto professores da educação básica. Maiores reflexões sobre o espaço e o tempo da cultura científica, mediada pela divulgação, se revelam passos importantes no caminho que se coloca entre o museu e a escola nesse cenário aqui brevemente exposto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OVIGLI, D. Prática de ensino de ciências: o museu como espaço formativo. *Rev. Ensaio*, v.13, n.03, p.133-149.2011.

FRONZA- MARTINS, A. S. . Da Magia a Sedução: a importância das atividades educativas não-formais realizadas em Museus de Arte.. *Revista de Educação (Itatiba)*, v. Vol IX, p. 71-76, 2006.

GOUVÊA, Guaracira ; VALENTE, M. E. ; CAZELLI, S. ; MARANDINO, M. . *Redes Cotidianas de Conhecimento e os Museus de Ciência. Parcerias Estratégicas (Brasília)*, Brasília, n. 11, p. 169-174, 2001.

CHAGAS, I. (1993).- Aprendizagem não formal/formal das ciências: relações entre Museus de ciência e as escolas. Revista de Educação. Lisboa: Departamento de Educação da FCUL. 3 (1). (1993). pp. 51-59.

MARANDINO, M., BIZERRA, A. F, NAVAS, A. M., CONTIER, D, MONACO, L. M., MARTINS, L. C., GARCIA, V. A. R., SOUZA, M P .C. Educação em museus: a mediação em foco. Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da USP/GEENF/FEUSP, São Paulo. 2008. p.36.